

ENTREVISTA **DAVID HARVEY**



*Entrevistado em 11 de dezembro de 2014
por Bruno Rezende Spadotto¹*

No segundo semestre de 2014, realizamos um estágio de pesquisa², durante nossa pesquisa de mestrado, no “The Graduate Center of City University of New York (CUNY)”, buscando um aprofundamento teórico sobre o conceito de centralização do capital. O estágio foi contemplado por uma entrevista com o geógrafo britânico David Harvey. Nesta entrevista, o geógrafo aborda, entre outros assuntos, os conceitos de centralização do capital, acumulação via espoliação, sua visão dialética sobre a relação homem-natureza e sobre o futuro do capitalismo financeiro global.

Bruno Rezende Spadotto:

Professor David Harvey, a centralização do capital é considerada uma parte importante de sua teoria sobre “Acumulação via Espoliação” (ou “Acumulação por Despossessão”, dependendo da tradução). Além disso, Marx diz que a centralização do capital é um processo que ocorre sempre vinculado ao sistema de

¹ Mestre em Geografia (IG-UNICAMP). spadotto.br@gmail.com

² Estágio de Pesquisa no Exterior realizado durante o segundo semestre de 2014, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Estudos Geográficos, Rio Claro, 14(2): 165-171, jul./dez. 2016 (ISSN 1678-698X)
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

crédito (relacionado ao sistema financeiro e aos sistemas das dívidas públicas). Você pode falar mais sobre isso? Como os sistemas das dívidas públicas auxiliam a centralização do capital nas economias nacionais?

David Harvey:

Primeiramente, Marx distingue as diferenças entre a concentração de capital e a centralização do capital. Concentração de capital é um processo lento relacionado à forma que as empresas obtêm lucros, expandem suas dimensões e ganham cada vez maior espaço no mercado. Ou seja, concentração de capital é um processo lento, já a centralização do capital é rápida. É a compra de uma empresa por outra. Com frequência, esse processo ocorre com a ajuda do sistema de crédito, utilizando-se do que é chamado, em finanças, de “alavancagem” (*leverage*, em inglês), isto é, uma quantidade de crédito utilizado para comprar uma empresa falida. Assim, há a reunião de muitas empresas na forma do que conhecemos por *conglomerados*, que agem em diferentes mercados. Essa é uma operação financeira que se opõe às operações produtivas. É desta maneira que o sistema de crédito torna-se uma arma central para a centralização do capital.

Contudo, o sistema de crédito tem muitas funções diferentes, e, obviamente, ele é auxiliado pela dívida pública nacional. Há um argumento que diz que, no sistema de crédito, existem requisitos de competência, de modo que, se você emprestar ao governo, você não possuirá dinheiro para emprestar a um produtor de açúcar que quer comprar outro produtor de açúcar, e vice-versa (se você possuir dinheiro para o produtor de açúcar, você não terá dinheiro para emprestar ao governo) é um problema sobre a quantidade de crédito disponível. Tudo depende da conjuntura do poder dos diversos interesses relacionados. Por exemplo, se existe um forte interesse no setor de açúcar, as forças relacionadas à centralização irão encontrar maneiras de ser preparadas para engendrá-la, mesmo que se tenha que pagar altos juros para isso, pois, após a centralização (com o ganho do controle do mercado) criam-se monopólios, e, com monopólios, praticam-se preços da situação de monopólio e, assim, recompensam-se os altos investimentos iniciais e juros do empréstimo necessário para realizar a centralização. Portanto, é importante entender como funcionam os mecanismos do sistema de crédito para entender de que maneira a centralização ocorre.

Bruno Rezende Spadotto:

Atualmente, venho estudando a centralização do capital na agroindústria canavieira em São Paulo. O que está acontecendo é que usinas de produção de açúcar e etanol regionais estão começando a ser controladas por grandes corporações globais. A primeira consequência é que a quantidade de usinas de açúcar está reduzindo e, isso, é traduzido pelo setor açucareiro como uma “crise”, entretanto, essa “crise”, ocorre ao mesmo tempo em que a centralização do capital é mais profunda nesse setor produtivo. Isto é, enquanto empresas estão declarando falência, outras estão comprando espaço no mercado. Gostaria de perguntar-lhe sobre qual é o seu ponto de vista sobre estes processos? Como funciona o vínculo

entre a centralização do capital e as crises econômicas? E como você vê o futuro para os trabalhadores destas indústrias?

David Harvey:

Bem, você sabe que sem saber muitos detalhes, fica difícil responder perguntas específicas como essa. O que posso dizer é que há uma sentença capitalista que diz: "*Nunca deixe uma boa crise ir para o lixo!*"³. Isto é, uma crise é um momento de oportunidade para alguns segmentos do capital. Além disso, num momento de crise existem algumas empresas, empresas em perfeito estado, que não conseguem lucrar, e, assim, também não conseguem contrair novos empréstimos. Assim, são incorporadas a uma grande empresa que consegue assumir o negócio. É desta forma que, em uma crise, é frequente o caso de grandes operadores de crédito, que possuem acesso privilegiado ao sistema de crédito, serem facilmente capazes de assumir essas empresas menores. Esse é um processo que podemos chamar acumulação via espoliação, porque, em uma crise, grandes empresas desapropriam as pequenas empresas. Marx refere-se sobre esse processo no volume três do capital, capítulo quinze, onde ele fala sobre a descapitalização das pequenas empresas e da absorção, destas, por empresas de maior dimensão, como sendo uma característica de crises econômicas.

Agora, os impactos no emprego e no trabalho dependem, em grande medida, da produtividade do trabalho, das pequenas empresas contra as grandes empresas. Normalmente, nas pequenas empresas é empregado mais trabalho e, em cada caso, o agregado do trabalho cai conforme o processo de centralização aumenta. Entretanto, não é sempre dessa maneira, depende muito das possibilidades técnicas e das economias de escala que ocorrem com a centralização. Muito embora, você também está dizendo que o número de usinas está diminuindo, o que significa que não apenas o capital variável está diminuindo, mas o capital constante também está diminuindo. Isso explica algo simples, isto é, no passado você precisava de quarenta moinhos para produzir uma quantidade determinada de açúcar e, hoje, você precisa de quatro para produzir a mesma quantidade. Esse fato demonstra que o capital constante está diminuindo. Portanto, parece-me esse o caso em questão. Agora, eu simplesmente estou dizendo algo baseado no que você está dizendo, para termos certeza, é necessária uma pesquisa de dados detalhada.

Bruno Rezende Spadotto:

Mudando um pouco de assunto, nos últimos anos, existem muitas bibliografias dizendo sobre o início de uma "transição energética" (*de uma matriz energética mundial baseada em combustíveis fósseis para uma matriz energética baseada em combustíveis renováveis*). Retirando a ideologia que diz que algumas empresas estão tornando-se "sustentáveis", estamos diante de um cenário onde grandes companhias petrolíferas iniciaram a incorporar capital social vindo de outras fontes de energia (e não apenas de "fontes verdes", obviamente, mas, também, de

³ "*Never let a good crises go to waste!*", velho jargão capitalista já mencionado por Winston Churchill e Rahm Emmanuel (presidente do comitê de campanha na primeira eleição de Barack Obama). *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 14(2): 165-171, jul./dez. 2016 (ISSN 1678-698X) <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

fontes como o gás de xisto, por exemplo, que é muito impactante para o meio-ambiente). A partir disso, tenho duas perguntas:

A primeira é: certamente, a classe capitalista vai investir na fonte de energia que for mais lucrativa. Entretanto, estamos começando a visualizar uma mobilização social muito grande, dizendo “não” a esse tipo de lucro (como, por exemplo, na grande “Marcha pelo Clima” que ocorreu em Nova York). Você acha que a pressão do povo tem força política para regular esses tipos de empreendimentos?

David Harvey:

Acredito que há uma grande desconexão entre: “o que as pessoas pensam sobre o meio-ambiente, em geral, e o que as pessoas estão preparadas para fazer sobre isso”. Por exemplo, cada vez mais o mundo está sendo tomado pelos automóveis. Na América Latina, por exemplo, o número de veículos está só aumentando, e, obviamente, as pessoas querem ter um carro e, ao mesmo tempo, elas não querem o aquecimento global. Esse é um exemplo clássico sobre essa contradição.

Por exemplo, em países como Bolívia e Equador, que a consciência popular é sempre muito “verde”, o número de carros só aumenta, rodovias estão sendo construídas e as pessoas querem ir aos novos *shopping centers* e querem ir com seu carro para esses centros comerciais, isto é, querem ter um estilo de vida da classe média. Entretanto, ao mesmo tempo, falam sobre os “direitos da mãe natureza”. Essa é a grande desconexão.

Outro exemplo é o caso da gasolina. Normalmente, o preço da gasolina tende a aumentar e, curiosamente, nos últimos meses, o preço do petróleo internacional teve uma grande queda, o que deixou a classe média “feliz”, mas isso também tem suas implicações “ambientais”. O preço do petróleo abaixou em mais de 40%, desde o último verão, o que está levando à falência uma série de atividades que obtém o petróleo por meio da fratura do xisto, que passou a ter um custo de produção maior que o valor do petróleo comum. Uma questão fundamental ligada a essa dinâmica é que os países dependentes da produção de petróleo estão com enormes problemas, como Venezuela, Rússia e Irã.

O meu ponto de vista sobre isso é que, principalmente, a Arábia Saudita e outros países produtores de petróleo aliados aos EUA estão colocando mais petróleo no mercado, propositalmente, para quebrar tais países críticos aos EUA (Venezuela, Rússia e Irã), pois, estes países, são extremamente dependentes da manutenção dos preços do petróleo internacional. Acredito que os EUA estão muito felizes com a Arábia Saudita inundando o mundo de petróleo! (risos). E mesmo que a queda na produção de petróleo de xisto tenha afetado, parcialmente, os EUA, o impacto na Rússia, no Irã e na Venezuela é devastador! Isto é, destruiu a economia destes países. Assim, tenho convicção que a política estratégica do Estado norte-americano planejou a queda do preço do petróleo internacional e, com certeza, estão dizendo para a Arábia Saudita: “continuem a inundar o mercado mundial com o petróleo de vocês!” (risos).

Bruno Rezende Spadotto:

Muito interessante. A segunda pergunta, sobre o enunciado da “transição energética”, é: qual é a sua ideia sobre a correlação entre a “preservação do meio ambiente” e a “preservação da humanidade”?

David Harvey:

Na realidade, eu não gosto do termo "preservação". Prefiro pensar em uma relação dialética entre o desenvolvimento humano e a natureza que nós mesmos produzimos. Assim, entendo o desenvolvimento como algo que permite aos seres humanos florescerem e terem uma vida decente. Entretanto, é preciso lembrar que, para fazer isso, de tal forma a criar um modo de vida decente, sempre haverá um “impacto criativo” na porção do mundo afetada por essa transformação. Por exemplo, fazemos isso quando criamos paisagens. Existem diversas paisagens urbanas e belas paisagens rurais que o próprio ser humano fez. É por isso que quero ficar longe de ideia de que os seres humanos sempre só estão destruindo a natureza. Ora, muitas vezes, fazemos isso sim, entretanto, em outros caos, criamos algo muito bonito e eu não vejo nada de errado nisso. O que acredito ser importante é o seguinte: devemos ter certeza de que, o que estamos fazendo, não criará consequências inesperadas. Esse é o maior problema. Muitas vezes, criamos algo que acreditamos ser bom, entretanto, quando observado em longo prazo, não é. Por exemplo, para tornar o mundo melhor para os seres humanos, nós inventamos a refrigeração. Assim, a comida que abastecem as cidades depende crucialmente da refrigeração e, também, a saúde pública depende da refrigeração. Isto é, as pessoas olham para refrigeração como algo positivo. Entretanto, há 20 anos, encontramos um problema nisso: o gás utilizado para refrigerar utilizava clorofluorcarbonos (CFCs) e demoramos muito tempo pra saber que esse gás é responsável pela criação do buraco na camada de ozônio. Assim, explanamos: "Oh, meu Deus, algo que era muito bom e salvou vidas tem uma consequência inesperada!". Então, o que fazemos? Ora, fizemos o protocolo de Montreal, que buscou impedir a utilização de gases CFCs e, assim, encontramos outro gás, ao invés dos clorofluorcarbonos, para refrigerar. Para isso, tivemos que modificar frigoríficos, entre outras coisas. Isso é o que digo com relação às consequências inesperadas. Além disso, frequentemente e repetidamente temos a questão ambiental relacionada aos empreendimentos humanos, sempre encontramos soluções para alguma coisa e, depois, encontramos problemas relacionados às soluções criadas. Portanto, todo esse desenvolvimento é contraditório, é dialético.

Bruno Rezende Spadotto:

Interessante. Agora, voltando ao assunto sobre as atuais dinâmicas do capitalismo, em seus textos você diz que o capitalismo está chegando a um fim e que, esse fim, não está tão longe. Como participo de ativismo social, gostaria de lhe perguntar: como isso irá ocorrer? Haverá guerras, pobreza e conflitos civis em todo o mundo para essa transição? Como isso irá ocorrer dado que há uma grande alienação presente nas pessoas (alguns proletários também) que não dão a mínima

para a transformação do mundo? Por fim, uma pergunta um tanto difícil: qual é a sua visão sobre o futuro da humanidade? Um dia, nós, humanos, ficaremos livres das algemas do capital ou sempre continuaremos a construir sistemas de exploração do homem pelo homem?

David Harvey:

Eu não tenho ideia. Quero dizer, essas mudanças virão a partir de lutas e forças concorrentes, dentro e fora do capital. Por exemplo, vejo que há um conflito, em curso, entre as próprias facções do capital, isto é, entre os extratores de renda (do capital financeiro portador de juros) e os que realmente estão produzindo valor material na indústria. Além disso, os rentistas parecem ser os grandes vencedores do atual período e isso se liga a algo escrito nos textos tanto de Ricardo, Malthus ou Marx, que é: se todo mundo viver de renda e ninguém produzir nada, isso é a mesma coisa que dizer que o capitalismo acabou. Portanto, a grande questão do capitalismo atual é: como manter a produção em curso e mantê-la numa base de constante expansão que possa ainda criar lucro? Essa é uma questão em aberto. Neste momento, parece que o poder dos ultra-ricos e o poder das grandes corporações é tão decisivo quanto palavras como "finanças" ou "caça à renda" (*rent-seeking*). Vejo que essa é uma configuração muito instável e que, talvez, crie uma crise interna do próprio capital.

Você disse que muitos trabalhadores "não dão a mínima para a exploração do capitalismo", mas os capitalistas também não dão a mínima para a ideia da autodestruição do capitalismo, eles apenas dizem: "Oh, eu só quero ficar rico!". Além disso, você sabe, que se alguma atitude dos mesmos resulta em um colapso de todo o sistema, eles dizem: "Ora, eu não me importo!". Há diversas evidências deste tipo de comportamento em Wall Street e em toda a parte do mundo, nos últimos tempos. Isso significa o lado autodestrutivo do capitalismo pode se tornar muito proeminente.

Mesmo assim, o capital pode reformar-se a todo o momento e há, obviamente, elementos que permitem que isso ocorra. Historicamente, o Estado é, muitas vezes, o grande salvador do capital e, hoje, o que ocorre é que o Estado é, quase completamente, controlado pela classe capitalista e por seus interesses. Por conseguinte, temos, nos Estados Unidos, por exemplo, um governo disfuncional que é uma vantagem para a classe capitalista. A classe capitalista não quer um governo organizado em Washington que possa saber, exatamente, o que eles estão fazendo. Eles querem um processo político confuso e ineficaz, porque, nesse caos, a classe capitalista pode fazer o que quiser. Isto é, continuar ficar extremamente ricos.

Cada vez mais os dados mostram que os ricos se tornaram ainda mais ricos, principalmente desde 2007. E não apenas nos Estados Unidos, mas em praticamente todos os lugares do mundo. Assim, não houve qualquer dano, para essa classe, na crise de 2008. Lembra-se do que dissemos? "*Nunca deixe uma boa crise ir para o lixo*", foi isso que eles fizeram. Os muito ricos usam, constantemente, seu poder para ficarem ainda mais ricos.

Portando, não é possível saber, exatamente, o que vai acontecer, entretanto, é possível ver que algumas das transformações atuais são muito preocupantes, mesmo do ponto de vista do próprio capitalismo.

Bruno Rezende Spadotto:

Por fim, minha última pergunta. Sabemos que você começou a ler Marx quando você estava compreendendo o problema da habitação em Baltimore. Gostaria de lhe perguntar sobre quais foram (e são) os sentimentos que lhe ajudam a estudar, tão profundamente, uma teoria tão difícil como essa? Quais foram os bons resultados que você recebeu, em toda a sua vida, fazendo isso? Especialmente quando você era mais jovem e não tinha certeza sobre os resultados positivos, ou mesmo sobre a “fama” que isso lhe traria.

David Harvey:

Bem, em primeiro lugar, eu comecei a ler Marx quando eu já tinha trinta e cinco anos de idade, então eu não li Marx quando era estudante. Em segundo lugar, eu percebi que a teoria de Marx era uma forma poderosa para entender o mundo ao meu redor. Em terceiro lugar, eu sempre achei importante não tratar Marx como um texto religioso, mas tratá-lo como um documento vivo, que tem aspectos que não funcionam mais e outros aspectos que ainda funcionam. De modo que é necessário entender que as interpretações daquele documento mudam através do tempo. Finalmente, o último ponto é o seguinte: é chegado um momento, quando você trabalha intelectualmente com Marx, que a questão do compromisso político com a teoria começa a aparecer. Isso sempre é um movimento muito difícil, porque, você percebe que não pode, simplesmente, ensinar e escrever sobre Marx, você tem que tentar fazer algo com aquele conhecimento, de maneira ativa socialmente. E, além disso, muitas vezes as pessoas me perguntam: "O que devo fazer?" E, sinceramente, eu também tenho essa pergunta dentro de mim: "Como posso fazer isso melhor?" Isto é, "Como posso fazer desse mundo um mundo melhor?" Eu nunca encontrei resposta plenamente satisfatória para essa pergunta. Portanto, entendo tais reflexões da seguinte maneira: sempre que um intelectual analisa o mundo sem um compromisso político, é chegado um ponto que tudo se torna apenas “puro academicismo”. Por outro lado, o compromisso político sem análises acadêmicas pode levar ao retrocesso e não ser, nem um pouco, eficaz. É desta maneira que, nesse trabalho intelectual, há sempre uma tensão entre teoria e prática, o que, no entanto, é uma tensão extremamente criativa.